

O "Romeu e Julieta" das favelas pacificadas o cinema não viu

LUIZ CARLOS MACIEL

Folha de S.Paulo, 01/11/2015

RESUMO Experiência de escrever roteiro de filme de ficção com pano de fundo da pacificação das favelas no Rio suscita reflexão de jornalista acerca da violência policial. Num país em que a classe média aplaude a eliminação de bandidos sem julgamento, seja no cinema ou na vida real, discutir essa questão é urgente.

Há alguns meses, eu procurava trabalho e me puseram em contato com um diretor cinematográfico americano. Ele me explicou que pensava num filme passado no Rio de Janeiro contemporâneo cuja história fosse baseada no arquétipo do amor entre Romeu e Julieta, uma fórmula infalível para o sucesso nas telas.

Uma ideia me ocorreu imediatamente: a história de um Romeu que fosse um PM de UPP e uma Julieta favelada. O americano adorou e decidiu que eu poderia trabalhar no roteiro. Deu-me uma grana –não muita...– como sinal, sem contrato nem nada.

Pus mãos à obra e produzi um esboço, com a parceria de uma ótima roteirista, minha amiga, Claudia Santamarina, e o registrei na Biblioteca Nacional. O americano foi embora pros States e parece não ter gostado de meu trabalho, a julgar por nossa troca de e-mails. Disse que eu tinha um método diferente do que ele estava acostumado, não dizia se gostava ou não do que eu estava fazendo, e perguntei como ele queria que eu fizesse. Mandou-me um roteiro americano pronto cujo título era "No Contact". Concluí que a resposta era uma "practical joke" que encerrava nossa parceria e não entrei mais em contato.

Noutro dia, estava aqui em casa, com duas amigas; uma delas é tenente da PM, e tem uma filha, de 20 e poucos anos, modelo e atriz, muito bonita. A outra amiga sabia que eu trabalhava no roteiro do meu Romeu e Julieta e falou que a filha bonita da primeira devia ser a Julieta da história. Respondi que não dava, porque essa menina linda é bem o tipo de patricinha da Zona Sul, e minha Julieta é uma favelada que vive um grande amor com um PM da UPP local.

VAI PRA CUBA!

A tenente teve um ataque de indignação! Disse que essa história era um absurdo, um PM jamais se apaixonaria por uma reles favelada, que meu filme tinha a intenção "comunista" de defender favelados indefensáveis porque sempre são na verdade bandidos, e por aí foi. "Vai pra Cuba", ela vociferava, "lá é que é lugar de comunista!"...

Fiquei mudo de espanto. Ela finalmente se acalmou um pouco e me explicou por que minha história não fazia sentido. "Bota uma coisa na sua cabeça", disse ela, em tom professoral, "PM não tem coração". Repetiu essa frase várias vezes e, ao ir embora, já na porta do elevador, certamente para que eu não a esquecesse mais, pronunciou-a pela última e definitiva vez, escandindo as sílabas: "PM-não-tem-co-ra-ção".

Fiquei matutando que essa máxima não saíra espontaneamente da cabeça de minha amiga, mas era um fundamento teórico da instrução de recrutas da PM. Deve fazer parte da instrução deles.

Tem uma lógica que não é difícil de adivinhar. Um soldado, no meio de uma favela hostil, pode ser enganado por seus bons sentimentos, como por exemplo enternecer-se com velhinhos e velhinhas simpáticos, namorados joviais, crianças e adolescentes brincalhões etc. Esses sentimentos podem fazê-lo esquecer-se das devidas precauções e levar um tiro de surpresa, disparado por bandidos ferozes. O melhor é não ter coração para atirar primeiro e fazer as perguntas depois, como recomendavam os sargentos nas instruções do serviço militar nos meus tão distantes 18 anos de idade.

MARÉ

Logo depois do episódio que narrei acima, comecei a ver na televisão a eclosão da violência na favela da Maré, que começa com a invasão do local por blindados, ao mais puro estilo de tropa de ocupação, e culmina na morte de um menino de 11 anos por um tiro de fuzil de um "sniper" da PM.

A televisão mostrava tudo, inclusive as manifestações de protesto dos moradores da Maré. O ódio que comandava o conflito entre Montéquios e Capuletos, na Verona de Shakespeare, não era maior que o que separava favelados e policiais na Maré.

Minha inspiração para a personagem de Julieta foi uma heroína da vida real, a admirável Márcia Honorato, uma ativista dos direitos humanos que, desde 2005, portanto há mais de dez anos, luta sem esmorecimento para pôr um fim à violência do Estado contra os habitantes mais pobres das grandes cidades.

Márcia Honorato já foi ameaçada de morte inúmeras vezes pelos chamados "agentes da lei" e foi obrigada a viver na clandestinidade. Viu-se forçada a largar casa, filhos, família e atividade profissional. Filhos, sogra e ex-marido também foram ameaçados e também viraram nômades.

Minha fonte sobre esse assunto foi um artigo de Daniel Aarão Reis, publicado no jornal "O Globo", sob o título de "Márcia Honorato não deve morrer", que conclui enfatizando a responsabilidade das autoridades que devem protegê-la. "Márcia Honorato não deve morrer, não pode morrer e não vai morrer", escreve Aarão Reis. O tema, aliás, merece um filme, um dos meus sonhos da velhice é fazer um filme sobre Márcia Honorato. O cinema brasileiro merece.

Muitos filmes brasileiros passados em favelas cariocas foram feitos nos últimos anos. Mas o mais famoso e de maior bilheteria foi "Tropa de Elite", que conta a história da formação de um PM, um rapaz pobre, universitário, que entra para a polícia a fim de garantir a sobrevivência e acaba sendo treinado, na tropa de elite, para ser um PM de verdade.

Como um colega seu é assassinado por um bandido, ele fica pronto para culminar sua formação. O bandido que matou o colega é capturado vivo e está atirado ao chão, algemado, indefeso.

Essa cena é o clímax do filme que, segundo as regras do "screenwriting", encarna a sua mensagem e preferencialmente age de maneira subliminar no espectador.

O protagonista é instado a vingar a morte do colega, matando ali mesmo o assassino, o que ele faz sem hesitar, atirando no bandido prostrado.

Esse assassinato era delirantemente aplaudido pelas plateias, na maioria de classe média, no cinema em que o filme era exibido aqui no Leblon, o bairro em que moro no Rio. Era uma espécie de apoteose do famoso dito do lendário policial Sivuca que reza que "bandido bom é bandido morto".

Aliás, a moralidade da classe média tem ataques de fúria contra a corrupção, mas aplaude o assassinato se ele for praticado por justiceiros que ela julga representá-la. Por isso, os pretensos princípios que sustentam essa visão de moral e justiça, que dizem ser a da maioria da população deste país, devem ser pensados e avaliados. Uma reflexão equilibrada sobre essa questão é uma necessidade urgente e inadiável antes que o Brasil vire um imenso hospício.

SPOILER

Como minha história está registrada e não tenho muitas esperanças de que meu roteiro venha a ser produzido, peço licença para um pequeno spoiler do clímax do meu filme imaginário.

A situação é ostensivamente semelhante à de "Tropa de Elite". Fiz de propósito. O colega de meu Romeu, seu melhor amigo, é assassinado por um bandido. Meu Romeu o captura vivo e, agora, o tem a sua mercê, caído a seus pés. Seu comandante, seus colegas –e até os virtuais espectadores de um filme que provavelmente não será feito– o incentivam a dar cabo do bandido e botam a arma nas suas mãos. Mas ele se recusa a atirar no homem dominado e indefeso; além de ter coração, não é um assassino. Para concluir, resumo um par de alternativas para explicar o que está acontecendo:

1) A PM gosta de recrutar psicopatas que curtem matar crianças e, por objetivos inconfessáveis, os soltam nas favelas; ou

2) a PM instrui seus recrutas de que o trabalho na favela é muito difícil e perigoso, porque os traficantes, os bandidos, disfarçados em moradores, aliciam jovens para fazer seu serviço sujo, de forma que é sempre muito arriscado encontrar um desses meninos porque ele pode muito bem estar a serviço dos bandidos e, quando menos você espera, você está morto, feito o dublador do Harry Potter, de modo que é melhor matá-los antes, com um tiro certo que pode ser o que se disser depois, bala perdida por exemplo, ou resultado de um "fake" como se fez há pouco etc.

De qualquer maneira, a matança desses jovens é responsabilidade das chamadas autoridades competentes, ou seja, os que os escolhem a dedo ou os formam, através da chamada "instrução militar", baseada, como se sabe, nos ensinamentos da ditadura, a qual afirmava que o inimigo é solerte, dissimulado e que, portanto, deve ser imediatamente eliminado.

LUIZ CARLOS MACIEL, 77, escritor, jornalista, diretor de teatro e roteirista.